



Imagem de capa:
ilustração de
Catarina Mesquita.



DEUSES LUSITANOS

Bormanicus

ALEXANDRE GABRIEL



O Mito do Graal na sua dimensão mesotérica

NUNO FERREIRA GONÇALVES



Resgatar a Paz Original para que a Terra foi sonhada

PAULA TOSCANO



Do que é negro a Sul

ANA FONSECA



Beltane

ANA SIMÕES



NO BOSQUE SAGRADO

Reencontro

JOEL MARTELEIRA



Animais Sagrados de Tempos Idos

RICARDO PERIQUITO

RUBRICAS

Eisteddfod	20
Almanaque	24
Tríade	27

Índice



O Combatente das Enfermidades

Em Vichy, França, *Borvo* surge-nos representado numa inscrição com um elmo e um escudo guerreiros, enquanto uma serpente com cornos está atrás do deus, vindo em sua direcção. Estes símbolos remetem para um carácter igualmente guerreiro da divindade, o que leva alguns autores a associarem-no ao Apolo gaulês⁶. Porém, não se referirá este aspecto guerreiro à luta de *Borvo*, enquanto deus curador das águas⁷, contra as enfermidades que afligiam aqueles que a ele recorriam? O deus travaria, assim, este combate no plano invisível com os “maus espíritos” causadores da doença, afastando-os e restaurando a saúde do devoto. ■

Artigo originalmente publicado em Mandrágora – O Almanaque Pagão – 2011: No Bosque Sagrado dos Druidas (© Zéfiro, 2010. Todos os direitos reservados).

6 *Idem.*

7 Vistas pelos Antigos como um portal para o Outro Mundo, assim como detentoras de propriedades mágicas e sobrenaturais.





Mas não é desta dimensão que se pretende falar de momento, até porque nenhuma narrativa, por muito erudita que se nos afigure, será suficientemente eloquente para reverberar a inefabilidade da comunhão supraconsciente com o Absoluto. Este breve estudo tem apenas por desiderato considerar a influência que a tradição espiritual celta exerceu sobre o constructo medieval do mito graálico.

O universo dos símbolos e dos mitos parece estabelecer uma fronteira ténue entre as dimensões exotérica e mesotérica da experiência religiosa. Se por um lado as lendas devem ser inseridas no sistema exotérico de crenças e superstições populares, por outro, a sua interpretação, à luz de uma hermenêutica esclarecida, confere-lhes o estatuto de constructos imaginários em torno de elementos ocultos que a simples e encantadora mentalidade popular não pode absorver. Todavia, um universo susceptível à subjectividade dos mecanismos de interpretação não pode ser inserido na dimensão esotérica da experiência religiosa. A hermenêutica não é um instrumento místico em si, ainda que faça parte da metodologia aplicada pelo candidato à iniciação nos mistérios.

A tradição celta é rica em mitologemas que parecem ter servido de arquétipos ancestrais ao

mito medieval do Graal. Daremos alguns exemplos que nos parecem relevantes:

A imagem romanesca da espada sagrada encravada na pedra, que só o rei esperado consegue arrancar, inscreve-se no mesmo repositório mitológico em que encontramos a lenda celta da Pedra de Fal, que gritava quando um verdadeiro rei a pisava. No primeiro caso, a pedra libertava a espada, no segundo, emitia um grito, sempre com o intuito oracular de anunciar o monarca capaz de sarar as feridas da terra e de unir os homens. Rei, espada e pedra são mitemas chave da estrutura mítica em análise. Sobretudo a pedra que grita remete-nos inevitavelmente para o mistério das Ofitas, pedras da serpente ou pedras oraculares, autênticas sibilas lapidárias depositárias dos segredos que a Mãe-Natureza encerra e a que só o mago, o druida, iniciado nos mistérios, podia aceder. A relevância do sagrado feminino no âmbito deste conjunto mitémico em particular não pode ser ignorada, na razão da lendária Dama do Lago, como guardiã da espada do poder.

A ilha, correlativa alegórica da montanha, constitui outro mitema fundamental da tradição graálica. Nas lendas arturianas, Avalon aparece como a ilha sagrada para onde o rei é transportado numa barca após mortalmente ferido em batalha. Em determinadas narrativas, Avalon é associada à



Animais Sagrados de Tempos Idos

RICARDO PERIQUITO

NO EQUILÍBRIO DAS FORMAS e na serenidade das linhas e das manchas surgem as mais nobres e antigas representações de um Tempo perdido, numa Era distante. Estas figuras, imortalizadas na rocha por quem um dia as entendeu mais do que agora se mostram e que o tempo preservou, para além do seu tempo, há mais de 10.000 anos, e que o presente resgatou do sono profundo do esquecimento, revelam a sofisticação ancestral dos nossos primitivos antepassados, a complexidade das suas estruturas comunicativas e a comunhão sagrada das suas vivências com a Natureza na sacralização de determinados animais.

Estes Animais Sagrados, envoltos em mistérios que se encerram nas composições gráficas e nelas encerram a sua existência mágica, muito para além do que poderia ser expectável,